

Somos ramos de qual tronco e quais frutos produzimos?

Amadas irmãs, amados irmãos, que a paz de Deus seja abundante em sua vida!

No 5º Domingo da Páscoa (29 de abril), somos brindados com o discurso de Cristo Jesus que aponta para nossa condição metafórica de sermos seus ramos, enquanto Ele coloca-se como a verdadeira videira e, assim, poderemos produzir bons frutos caso mantenhamos tal ligação. Dessa forma, apenas unidos a Cristo poderemos ter acesso à verdadeira vida.

Vejamos o texto evangélico e, em seguida, algumas reflexões a respeito:

1Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que não der fruto em mim, ele o cortará; 2e podará todo o que der fruto, para que produza mais fruto. 3Vós já estais puros pela palavra que vos tenho anunciado. 4Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Assim também vós: não podeis tampouco dar fruto, se não permanecerdes em mim. 5Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. 6Se alguém não permanecer em mim será lançado fora, como o ramo. Ele secará e hão de ajuntá-lo e lançá-lo ao fogo, e queimar-se-á. 7Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e vos será feito. 8Nisto é glorificado meu Pai, para que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos. (Jo 15,1-8)

Tenhamos em mente que esta passagem ocorreu na noite de quinta-feira, após a Última Ceia, quando Jesus estava prestes a ser preso, torturado e morto. Não era apenas um discurso de despedida, mas, acima de tudo, suas últimas indicações, o seu “testamento”. Estavam sendo repassadas as coordenadas para que os discípulos pudessem continuar a missão de Jesus no mundo, e, por continuidade, cada um de nós. Dessa forma, a comunidade da Nova Aliança nasce alicerçada no serviço (cf. Jo 13,1-17) e no amor (cf. Jo 13,33-35), devendo dar seguimento às obras de Jesus animada pelo Espírito Santo (cf. Jo 14,15-26). Em que pese ser o presente discurso proferido antes da Páscoa, ele é essencialmente pascoal, apontado para a vida a ser vivida com vistas à formação do Reino de Deus, caracterizada pelos bons frutos produzidos por aqueles que se mantiverem interligados ao Senhor. Estabelece-se, assim, uma identidade a ser formada por aqueles que dessa forma permanecerem em seu cotidiano.

Vejamos que Jesus não se intitulou como o tronco de uma videira, mas como a própria, cujos frutos produzidos precisam ser desenvolvidos por cada um dos ramos a Ele ligado, desde que recebam a sua “seiva”.

Comumente dizemos que não podemos colher mangas de uma bananeira, ou goiabas de uma macieira. Assim sendo, fica evidente quais seriam os frutos a serem produzidos e colhidos da videira apresentada por Cristo Jesus – a verdadeira videira. Porém, tais frutos brotam de ramos dessa videira, especificamente aqueles que, ligados ao tronco principal, recebe ricamente sua seiva alimentar. Quando mais forem produzidos os frutos, mais limpo deverá ser o ser respectivo ramo, para que produza mais ainda.

Ser ramos da videira de Cristo representa receber sua seiva, seu alimento, sua vida, transformando, assim, sua verdade em frutos, em ações, é propiciar que brotem os frutos da justiça, do amor, da verdade e da paz. Lembremo-nos de que os ramos não têm vida própria, não sendo capazes de produzir frutos por si próprios, necessitam da seiva que, no caso, lhes é comunicada por Jesus, razão pela qual somos convidados a permanecer em Jesus (v. 4). Atentemo-nos para o verbo permanecer, que aparece 7 (sete) vezes entre os vv. 4 e 8, expressando a confirmação ou renovação de uma atitude já anteriormente assumida. Não basta respondermos inicialmente ao chamado de Jesus, precisamos, com nossas ações, com nossos frutos, demonstrar nossa constância e nossa continuidade em tal situação. Pelo exposto, caso mantivermos nossa adesão, Jesus, por sua vez, permanecerá conosco, ou seja, continuará fielmente a oferecer a sua vida, alimentando-nos continuamente.

Entretanto, poderíamos questionar: o que seria estar unidos a Jesus?

O próprio Jesus, por meio da narrativa de João, avisa-nos: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56), sendo que a “carne” de Jesus é a sua vida e o seu “sangue” representa a sua entrega por amor até à morte. Dessa forma, “*comer a carne e beber o sangue*” de Jesus é associar-se a Jesus, feita serviço e entrega por amor, até o limite total de si mesmo. Tal unido é mantida por aqueles que acolhem no coração essa proposta de vida, comprometendo-se com uma existência de entrega a Deus e aos irmãos. Assim, fica evidente, que essa união não se dá de forma automática e perene, mas depende de uma decisão consciente e livre, a qual requer contínua renovação.

No entanto, a dita união com Cristo não significa somente dizermos que somos cristão, ou apenas participarmos de ritos e celebrações. A permanência desse “*estar com Ele*” é deixarmos ser alimentados por sua palavra, seguirmos seu exemplo de vida, comprometermo-nos em manter viva sua Verdade por nossos atos. Sinceramente, creio que muitos, mesmo não dizendo ser cristãos, estão fortemente ligados à verdadeira videira, pois tal vínculo não se dá por palavras ou por denominações, mas por atos e testemunhos.

O verdadeiro cristão tem em Jesus a sua referência, identifica-se com Ele, vive em comunhão com Ele, segue-O em todos os momentos no amor a Deus, especialmente na entrega aos irmãos. Pode-se dizer que o cristão “*vive de Cristo, vive com Cristo e vive para Cristo*”.

Mas o que seriam os “ramos secos” citados por Jesus? Cremos ser aqueles que um dia, mesmo se comprometendo com Cristo, desistiram de segui-lo, abriram mão do seu projeto de vida. Ocorre que, antes de secar, os ramos podem apresentar pequenas “obstruções”, misérias e fragilidades que obstaculizam a permeabilidade da “seiva”, da vida divina, situações que nos impede de responder positivamente ao chamado de Jesus para que O sigamos. Essa realidade ocorre quando conduzimos a nossa vida por caminhos do egoísmo, do ódio, do desamor, renunciando, assim, a essa vida verdadeira que Jesus nos oferece; quando para nós o dinheiro, o êxito, o poder, o orgulho, o amor próprio, são mais importantes do que os valores apresentados e testemunhados por Jesus. Faz-se necessária, então, uma “limpeza” desses obstáculos, possibilitando o retorno da circulação da vida de Cristo em cada um de nós, de forma abundantemente.

Com frequência, seguindo a lógica humana, buscando a “vida” em outras “árvores”, as quais, invariavelmente, produzem frutos de insatisfação, frustração, egoísmo e dor. Temos consciência de que é nas palavras e no exemplo de Cristo que podemos encontrar uma proposta de vida verdadeira? Ele é, para nós, a verdadeira “árvore da vida”, ou optamos por caminhos de autossuficiência e colocamos a nossa confiança em outras “árvores”?

Reflitamos, então, de qual tronco somos ramos e quais os frutos produzimos?

Um fraterno abraço a todas e todos vocês e fiquem em Paz.

Rev. Frei João Milton.